

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MINAS GERAIS - UEMG
FUNDAÇÃO EDUCACIONAL DE DIVINÓPOLIS - FUNEDI
DISCIPLINA DE PSICOLOGIA SOCIAL II
Prof. Eloísa Borges

2 de Novembro

As histórias que permanecem

Tatiane Lucília

Wanderson Brandão

Divinópolis
Novembro de 2011

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MINAS GERAIS - UEMG
FUNDAÇÃO EDUCACIONAL DE DIVINÓPOLIS - FUNEDI
INSTITUTO DE ENSINO SUPERIOR E PESQUISA - INESP

2 de Novembro

As histórias que permanecem

Tatiane Lucília¹

Wanderson Brandão²

(Trabalho apresentado para obtenção de pontos referentes a disciplina de Psicologia Social II, ministrada pela professora Eloísa Borges.)

Divinópolis

Novembro de 2011

¹ Aluna do Curso de Comunicação Social – Habilitação em Publicidade e Propaganda - INESP

² Aluno do Curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo - INESP

Introdução

Feriado. O que para muitos é dia de descanso, sem muito sentido ou desejo de prestar homenagens aos que já se foram. Talvez, seja culpa de uma cultura mal personificada ou construída, talvez seja dolo de uma sociedade vulnerável que abriga indivíduos fragilizados e amedrontados pela própria vida. Ora, afinal por que não sabemos lidar com um processo natural do ser humano; um dia nascemos, outro dia morreremos? O dia não é de “morte” ou dos “mortos”, é apenas feriado para muitos cidadãos que acreditam que merecem descanso e não lembranças. Mas no portão do cemitério de Itapeverica há uma placa que diz: “Irmãos, o verdadeiro túmulo dos mortos não é o cemitério, mas coração esquecido dos vivos.” Desta maneira, trabalharemos neste artigo com as percepções das pessoas sobre o Dia de Finados, de modo a indagar: quais são as tradições e os laços mantidos na data; qual o perfil, ações e sentimentos que envolvem o indivíduo contemporâneo mediante aos túmulos.

É notória na contemporaneidade as complexas relações do ser humano no meio ambiente em seus múltiplos contextos, seja na relação com os objetos, seja na relação com os animais e com a natureza, e também com ele mesmo. Embora seja o único ser vivente capaz de refletir sobre suas ações, observamos uma dificuldade nessa categoria que é inteiramente racional e ao mesmo tempo subjetiva. A cultura engendrada em cada indivíduo é estabelecida conforme a conjuntura social e condicional que está inserida, e está em constante adaptação na medida que as relações mudam. De tal forma, vemos nos tempos de hoje uma cultura desatenta aos reais laços afetivos, nessa proporção, as proximidades que predominam entre as pessoas são as das redes sociais, internet, intranet, dentre outras ferramentas de comunicação e tecnologias recentes. Sendo assim, constituem-se de relações fragmentadas e muitas vezes inconsistentes.

Essa nova forma de vida que impera entre as classes, principalmente média e alta, nos aponta algumas falhas no processo de desenvolvimento social desse indivíduo. Existe um despreparo, uma falta de compreensão dos fatos e de sensibilização, visto que as pessoas estão perdendo o caráter comunitário, no sentido de valorizar o ser humano, creditar e credibilizar as ações dos seus próximos. Fortalecer esses laços pode dar boas perspectivas para o futuro sem perder de vista um passado, ou melhor, as histórias, as vivências que em alguns casos, de muita luta cotidiana e sofrimento. É nesse momento

de laços sociais fluidos e inconsistentes que percebemos a rejeição dos costumes e tradições, no nosso caso de análise, o dia 2 de novembro e os discursos envolvendo a morte.

Portões abertos

As ruas estão quase desertas, mas caminhando um pouco a frente, vemos um aglomerado de pessoas que se apresentam de semblantes serenos embora estejam em angústia por não terem o ente querido mais entre os vivos. Estavam indo em direção ao cemitério. Grupos de pessoas, em sua maioria, familiares que pretendiam prestar tributo ao falecido companheiro. À passos do lugar, o silêncio tomava conta de todos, como se estivessem sendo levados para uma outra situação emocional.

Na esquina vemos vários elementos que compõe o cenário dos finados. Cada um remete-nos a contradição daqueles que estavam ali por amor, saudade e respeito, e outros que tinham interesses lucrativos ou religiosos. Ao atravessarmos a rua, um carro preto chega em alta velocidade e para à porta do cemitério com o som em alto volume tocando um “funk”. O barulho incomodava e constrangia os visitantes de maneira provocar murmúrios em baixa voz. O dono do carro procurava alguém em meio à multidão que se encontrava dentro do cemitério. Esta situação perdurou aproximadamente 15 minutos até que o condutor foi embora. Este fato nos serve de elemento para análise, uma vez que o espaço delimitado aos sentimentos fúnebres foi transgredido pela “ignorância” da modernidade. Como essas relações estão vulneráveis, é natural que a falta de respeito e compreensão pelo sofrimento alheio esteja em alta evidência, persuadidas ao conformismo moderno que deixa de lado aqueles que já não estão mais entre nós.

Do lado de fora do cemitério um comércio forte movimentava venda de velas, flores, algodão doce, e até o “churrasquinho”. O vendedor de Picolé não consentia com a situação; convidava a todos em alta voz a se refrescar, afinal, era um dia de clima quente e seco. Grande parte das pessoas que estavam ali queriam rememorar com velas acesas, flores e orações às almas mesmo se submetendo aos valores comerciais.

Ao entrar pelo portão nos deparamos com as emoções mais sutis das pessoas, ainda que permanecesse a calma e a serenidade, no olhar de cada um, o sentimento de perda

que incomoda. É uma pena que a maior parcela de pessoas presentes são idosas, pessoas que, de uma certa maneira, acumularam inúmeras experiências de vida que contribuíram para que tornasse comum o ambiente fúnebre ou mesmo aquela simples conversa sobre essa “passagem”, o que para muitos é um assunto muito complexo e distante. Entendendo o processo de morte como um caminho inevitável e natural do ser humano, percebemos a fragilidade do homem pós-moderno e das gerações recentes. Poucos representantes da juventude se faziam presentes no local ainda assim, os que vieram, ou perderam um ente recentemente, ou tinham um elo muito forte com o falecido. O modesto fato de ir ao cemitério é para os jovens, adolescentes e até mesmo para alguns adultos, uma situação de remorso.

Obviamente que em alguns casos, o grau de complexidade e compreensão do sujeito pasmado com o contexto de luto, é muitas vezes, patológico. Mas queremos chamar atenção aqui para a totalidade dos fatos que envolvem os casos fúnebres. Existe uma tentativa de distanciamento da morte e por alguns momentos, de encobrimento da verdade, no sentido de forjar uma plenitude infinita na qual não envelhecemos e nunca estaremos a sete palmos. Ora, somos sujeitos, somos carnes, adoecemos, sofremos, morremos. Essa desconstrução do ambiente de “passagem” tem provocado dispersão das lembranças, homenagens e memórias daqueles que estiveram conosco, fizeram suas histórias e devem ser lembrados por tudo que construíram em vida.

Nessa perspectiva da infinitude, está o consumo exacerbado que promete sempre longevidade de dias; o adiamento da flacidez da epiderme, rugas e cabelo brancos; e um ser super potente a resistir qualquer empurrão. Os remédios caros, os cosméticos “milagreiros” e as plásticas estão nos comprovando isso a cada dia, desafiando até mesmo a própria medicina. Tantos recursos e possibilidades estéticas e subjetivas nos trazem em voga o distanciamento da morte. No mundo capitalista no qual vivemos hoje, tudo que dá viés a um nicho de mercado, assim se solidifica. Com o nicho da morte não é diferente, pois este hoje consegue oferecer planos luxuosos para este momento. Ocasão que antes era vista como um momento no qual a família se dividia entre a dor da perda e os compromissos de se organizar esse ritual de despedida do ente que acabara de partir. Porém, hoje como tudo se vende, esse compromisso também pode ser comprado em planos básicos ou até mesmo de forma luxuosa. E como todo mercado capitalista há quem se trabalha com a publicização desses planos, o que se percebe é que

esse ramo da publicidade é tido como bizarro. O que com certeza diminui a confiabilidade de uma empresa funerária, por exemplo, afinal esse momento da perda é culturalmente tido como um momento de dor e, tal mercado tem objetivos de lucro em meio o sofrimento alheio. Não estamos aqui demonizando as práticas comerciais funerárias e correlacionadas, mas sim fazendo menção reflexiva de uma supressão de valores comerciais acima dos valores tradicionais e afetivos.

Conhecendo os túmulos

Depois de uma longa visão panorâmica, começamos a pesquisa por meio de observação participante, colocando-nos em proximidade do contexto daquelas pessoas. Cada visitante naquele cemitério tinha seu propósito de lembrança e gratificação ao finado. Uns mais emotivos que outros. Havia até pessoas que estavam presentes mesmo sem ter algum conhecido enterrado necessariamente naquele lugar, mas aproveitava o momento para refletir e fazer suas preces às almas, como era o caso de Gilda Clementina. “Todos os anos eu passo aqui para rezar. (...) Meu marido morreu tem quase 10 anos. Depois disso eu venho sempre ao cemitério, mesmo aqui em Divinópolis.” Dona Gilda, como é chamada pelos conhecidos, tem uma relação direta com o contexto de morte. O sepulcro de seu esposo está na cidade de Uberlândia, localizada no Triângulo Mineiro, e mesmo assim, o costume de ir ao cemitério persiste. O sentimento de saudade em contínuo exercício demonstra uma provável consistente e duradoura vivência com seu marido. Neste caso, a tradição foi mantida por um elo familiar vigente. Dona Gilda não vai ao cemitério sozinha, leva consigo sempre a filha ou outro parente. Esse hábito repassa para as gerações conforme o uso e o sentido. Se mantivermos valores afetivos indissolúveis e mais sólidos haverá uma real utilização dessas datas e um sentido justificado na sociedade. Assim haverá possibilidade de um reconhecimento histórico dos nossos antepassados.

Andando mais um pouco entre os túmulos, vemos uma cena comum nessas situações, mas que ao longo do tempo em que ficamos naquele lugar, tornou-se intrigante. Uma mulher lavava o túmulo de seu filho com os olhos aflitos e desligados do mundo ao seu redor, ao seu lado, o filho mais novo de aproximadamente 11 anos. Seria um fato rotineiro se não fosse repetidamente exercitado. Percorremos todo cemitério várias vezes, e essa mãe lavava o túmulo, depois lavava novamente durante todo período.

Depois de algum tempo vendo essa situação, perguntamos a um senhor que estava próximo se sabia algo sobre aquela mulher. Segundo ele, a mãe estava lavando o túmulo de seu filho desde 8h, e já eram 12h15. Provavelmente tinha perdido filho a poucas semanas. A dor imensurável da perda incomoda a protetora do ninho, aquela que guarda, cuida, e tem o trabalho de dar sempre o melhor conforto à sua cria. O filho vivo, inquieto, queria apenas ir embora, aquele ambiente não lhe agradava, obviamente. Mas podemos destacar aqui, as reações diferentes das pessoas, os colapsos, conformes e incômodos que o contexto de morte provoca nas relações.

Outra presença marcante dentro das acomodações do cemitério, os “Testemunhas de Jeová”. Assim como entre outros locais, no dia 2 de novembro, grupos religiosos aproveitam a data para propagar as mensagens doutrinárias. “Meu pai está enterrado aqui também, mas não vim por ele. Porque eu sei que vou encontrar com ele depois. Eu vim aqui foi para trazer uma palavra para os vivos.” disse Inácio dos Santos. Segundo ele, todos os anos um grupo de pessoas sai para evangelizar os que estão em sofrimento por causa da perda do ente, o fato de uma igreja dessa comunidade religiosa situar-se bem enfrente ao cemitério facilita muito o deslocamento e organização dos mensageiros. Os discursos de fé e encorajamento são de grande valia para reinserção e fortalecimento dos que sentem a dor da perda de alguém querido. É claro, que geralmente os pregadores têm como objetivo evangelizar e arrebanhar vidas para seu grupo e que muitas vezes, esse trabalho não colabora no aperfeiçoamento da prática tradicional fúnebre, mas se trabalhada na perspectiva corroborativa da reabilitação e superação pode contribuir nesse aprimoramento das gerações.

A situação de morte provoca várias reações nas diferentes pessoas, de diferentes modos. Mas podemos afirmar que é preciso de uma valorização social aos que já se foram sem necessariamente edificar a lógica do desapego. Trabalhar com as gerações de modo que as tradições que nos unem e nos fortalecem enquanto “comunidades sólidas e solidárias”, ainda que seja uma utopia a se pensar, para além, seja um processo construído e instaurado a fim de desprender-se desse medo histórico da morte. Contudo seria estabelecido um engrandecimento da vida, valorização do ser humano que se foi, mas que deixou sua história, seu pensamentos positivos, e saudade nos mais chegados.

Entrevistas sobre o tema morte

Maria Edite Costa

50 anos. Dona de casa. Católica Praticante.

Você costuma frequentar o cemitério somente dia de finados?

Não. Eu venho sempre no dia dos aniversários de morte dos meus entes queridos e no dia de finados para lavar os túmulos e trazer flores.

Qual o significado desta ação para você?

Eu acredito que é uma reverência a eles que foram tão importantes na nossa vida, mas infelizmente já se foram. É uma forma de nos lembramos deles e de algum jeito eles estarem presente nas nossas vidas. Apesar de já terem sido chamados por Deus.

O que significa a morte para você?

Acredito ser somente uma passagem, para o que acreditamos ser o céu, o bens aventurados que temeram a Deus durante suas vidas e propagaram sua fala, praticaram o bem, vão para esse lugar que denominamos céu.

José Augusto

69 anos. Professor. Sem religião

Você costuma frequentar o cemitério somente dia de finados?

Na verdade não costumo frequentar dia nenhum, estou aqui somente de companhia por que a mãe de um amigo de longa data faleceu tem poucos dias. Mas não tenho essa crença de que aqui haja alguém não. Somente restos mortais.

O que significa a morte para você?

Acredito que é o fim de tudo, que o que temos para fazer é por aqui mesmo, não há outra vida nem outra chance.

Gilda Clementina

65 anos. Dona de casa. Católica Praticante.

Você costuma frequentar o cemitério somente dia de finados?

Todos os anos eu passo aqui para rezar. Venho com minha irmã e minha filha. Eu fico aqui com o povo, ajudo que precisar, rezo com eles. A gente precisa não é verdade, não são eles que precisam, somos nós. Meu marido morreu tem quase 10 anos. Depois disso eu venho sempre ao cemitério, mesmo aqui em Divinópolis, eu venho sempre eu posso.

Qual o significado desta ação para você?

É uma homenagem que a gente faz para os nossos entes. Porque eles são muito importantes pra gente. Então a gente tem que vir.

O que significa a morte para você?

Morte pra mim, é o começo. A gente luta tanto nessa vida aqui e depois a gente tem que descansar. Então a morte é uma passagem. A gente sai dessa vida de sofrimento pra uma outra melhor.

Luiz Carlos Fonseca

55 anos. Metalúrgico. Católico praticante

Você costuma frequentar o cemitério somente dia de finados?

Não. Não gosto de cemitério não. Acho que ninguém gosta. A gente vem mesmo porque temos pais enterrados aqui. E pra te falar verdade, eu nem ia vir. Mas meus irmãos resolveram vir aí pensei em acompanhar eles.

O que significa a morte para você?

Pra te sincero. Acho que a morte ela é um aviso pra gente. A gente tem que dar valor as coisas aqui. Porque depois que morreu, não adianta mais. Não existe mais nada.

Maria Edite Costa

50 anos. Dona de casa. Católica Praticante.

Você costuma frequentar o cemitério somente dia de finados?

Não. Eu venho sempre no dia dos aniversários de morte dos meus entes queridos e no dia de finados para lavar os túmulos e trazer flores.

Qual o significado desta ação para você?

Eu acredito que é uma reverencia a eles que foram tão importantes na nossa vida, mas infelizmente já se foram. É uma forma de nos lembramos deles e de algum jeito eles estarem presente nas nossas vidas. Apesar de já terem sidos chamados por Deus.

O que significa a morte para você?

Acredito ser somente uma passagem, para o que acreditamos ser o céu, o bens aventurados que temeram a Deus durante suas vidas e propagaram sua fala, praticaram o bem, vão para esse lugar que denominamos céu.

Inácio dos Santos

69 anos. Professor. Testemunha de Jeová

Você costuma frequentar o cemitério somente dia de finados?

Todos os anos eu venho. Principalmente no Dia de Finados.

O que significa a morte para você?

Meu pai está enterrado aqui também, mas não vim por ele. Porque eu sei que vou encontrar com ele depois. Eu vim aqui foi para trazer uma palavra para os vivos. Na verdade vamos todos nos encontrarmos ainda. E a morte é um descanso passagem pra isso.